

SONHO  
*ou*  
REALIDADE?





VALDELICE SANTOS

SONHIO  
*ou*  
REALIDADE?



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Valdelice Santos, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.  
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de  
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL  
**Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
**Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL  
**Raquel Escobar**

ANÁLISE CRÍTICA  
**Márcio Zanini**

PRODUÇÃO GRÁFICA  
**Giovanna Vaccaro**

CAPA  
**Luiz Gustavo**

DIAGRAMAÇÃO  
**Michael Vasconcelos**

DADOS  
INTERNACIONAIS  
DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO  
(CIP)

Santos, Valdelice.  
Sonho ou realidade? / Valdelice Santos. – 1ª edição – São  
Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-49-6

1. Ficção brasileira 2. Romance I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43  
Centro | Bragança Paulista | SP  
12.900-340  
[www.editoracoerencia.com.br](http://www.editoracoerencia.com.br)

“A arquitetura não constrói só coisas.  
Ergue sonhos e sustenta lembranças.”

— Priscila Prestes





## PRÓLOGO

Meu nome é Sophie e tenho vinte e oito anos.

Desde muito jovem, gosto de escrever diários, e esta história é parte de um deles. Entre muitas histórias da minha vida, esta é de longe a mais marcante e impressionante.

Acreditar em sonhos foi o que sempre me impulsionou a continuar acreditando que tudo é possível, e isso me levou a viver uma aventura surreal: realizei sonhos, vivi dias mágicos, um intenso amor, visitei lugares imaginários, e tudo em duas semanas. Gosto de dizer que vivi em duas semanas o que muitas pessoas não vivem em uma vida inteira.

O tamanho da felicidade foi tão grande quanto o tamanho da dor do despertar desse doce sonho...

Sonho que sempre acreditei que um dia seria real. Será?

Vamos sonhar comigo? Viver esta aventura? E vamos acordar juntos?



## PRAZER, SOPHIE

Sou do centro-oeste do Brasil. Nasci em uma família simples, então a vida nunca foi fácil e, para escapar um pouco da realidade, me consolava com sonhos e objetivos, que gostava de chamar de alvos. Tinha muitos alvos, estava sempre disposta a conquistá-los e sabia que tinha potencial para isso.

Aos oito anos já estava apaixonada por um jogador de vôlei; sim, assistia muito ao vôlei para agradar meu irmão, que era fã do esporte. Durante uma partida, tinha notado certo jogador do time do Flamengo — ele se chamava Rodrigo e, mesmo tendo 1,85m de altura, era o mais baixo do time, e por isso o chamavam de Rodriguinho. Isso não interferia nem um pouco em seu rendimento. Pelo contrário, era um dos destaque.

Teve um destaque tão grande que foi escalado para a Seleção Brasileira, com a qual permaneceu por pelo menos seis anos. E, durante esses seis anos, eu o acompanhei atentamente. Ele ajudou a seleção a ganhar mundiais, a trazer medalhas olímpicas de ouro e outros títulos. Ganhou vários prêmios como melhor levantador e era disputado por vários times.

Amava apenas vê-lo na tv: seu olhar, seus cabelos suados, sua expressão de felicidade com cada acerto. Sentia um prazer enorme só em observá-lo.

Virei uma fã maluca, até escrevi uma carta de vinte metros com cerca de vinte mil “eu te amo”, ou seja: uma completa neurótica. Comecei a colecionar fotos e reportagens, anotava tudo a seu respeito e passei uns cinco anos nessa neura.

Ele despertava em mim tantos sentimentos; era uma grande fã, mas fã de quê? Apenas assistia aos jogos por conta de meu irmão, nunca entendi nada e só torcia para o time em que ele jogava para continuar vendo-o na telinha. Olhar para ele era prazeroso, eu o achava lindo e chegava até a ficar com raiva por não poder conhecê-lo.

Queria conhecê-lo pessoalmente, falar com ele, ouvir sua voz, sentir seu cheiro.

Durante a transmissão de uma das finais do mundial de que ele participava, eu o vi de cabeça baixa, chorando depois da derrota do Brasil. Quando vi aquilo, meu coração se partiu, e comecei a chorar junto. Minha família ria de mim, pensando que minhas lágrimas eram por conta da derrota da Seleção, mas na verdade eu chorava por ele — odiei vê-lo sofrer, daí percebi que não era apenas admiração de fã, o sentimento estava indo muito longe e, naquela época, eu só tinha doze anos, e Rodrigo, vinte e cinco.

Aquele sentimento doía, me sentia um nada porque sabia que jamais o teria, e isso me criou uma frustração tão grande que nunca consegui namorar na adolescência. Nenhum rapaz chegava aos pés do “meu Rodrigo”, que, na época, era casado e tinha filhos, o que me fazia ficar envergonhada do meu sentimento, tinha inveja da esposa dele.

Com o passar dos anos, percebi que seria melhor desencanar e tirar essa obsessão da cabeça.

Enfim comecei a focar nos estudos e a me esquecer por completo dele. Minha mente estava superocupada com o vestibular, e não sobrou espaço para Rodrigo. Nem quis mais saber de vôlei.

Anos se passaram, exatamente treze anos, e não tinha nem ideia do que havia acontecido com ele. Nunca mais tinha visto nenhuma foto ou matéria de jornal. Nada.

Eu me formei em Arquitetura, passei em concursos públicos, consegui bons empregos e enfim conquistei minha independência, consegui sair de casa e morar sozinha.

Como sempre tive muitos objetivos, um deles seria passar algumas semanas *sacolando* na Itália, um país que sempre foi minha paixão — amava a língua, achava o povo lindo, sem falar nas revistas de viagens sobre a Itália que colecionava; assistia a documentários, a filmes. Tudo que tinha relação a esse país me despertava muito interesse.

Consegui tudo: dinheiro, plano, inglês fluente, um pouco de italiano e férias do trabalho.

Aí começa a história.